

O condor e o jaguar: questões compartilhadas em Mariátegui e Bagú

MAYCOM PINHO SANTIAGO¹

Resumo

Este artigo pretende retomar de forma *en passant* os trabalhos de José Carlos Mariátegui e Sérgio Bagú, em breve perspectiva comparada e como referências de reflexões da pós-colonialidade, no que tange à vivência e construção da modernidade na América Latina, a partir de seus respectivos lugares de fala e pontos de enfoque. Amparando-se na perspectiva decolonial e suas autoras e autores correspondentes, acredita-se ser possível resgatar esses dois nomes, tanto no âmbito da historiografia como no das ciências sociais, e perceber suas contribuições para o início do engendramento de uma epistemologia enunciada para e a partir da América Latina, na medida em que debruçavam-se sobre os caminhos trilhados pela região desde a Conquista.

Palavras-chave: José Carlos Mariátegui; Sérgio Bagú; pós-colonialidade.

Considerações preliminares

Se vi mais longe foi por estar em pé sobre ombros de gigantes

(Isaac Newton)

Retomar trabalhos amplamente visitados e revisitados é um grande desafio. A impressão de que tudo ou quase tudo já foi dito a respeito de um clássico impele um esforço de reflexão redobrado em não mimetizar aquilo que a crítica reiteradas vezes pautou. De fato, é uma grande empreitada oferecer à comunidade acadêmica uma contribuição original sobre autores como José Carlos Mariátegui (1894-1930) e Sergio Bagú (1911-2002), dos quais muito já se falou.

¹ Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas (CEPPAC/UnB). Aluno de mestrado.

Resgatar nomes como os que foram citados, a partir e no âmbito da historiografia, é tarefa que exige fôlego e atenção. Acessá-los como autores datados talvez seja a opção metodológica mais recorrente. Mas, se por um lado, essa escolha de análise permite reconhecer a importância da produção intelectual desses indivíduos, por outro, ela

potencializa as chances de que essa mesma produção seja encarada como historicamente localizada, não servindo mais como contribuição válida e atual para se pensar a realidade presente.

Não obstante, a ideia deste ensaio vai em sentido diametralmente oposto ao da maré, qual seja, o de reafirmar a pertinência e, guardadas as devidas proporções, a atualidade do pensamento tanto de Mariátegui quanto do de Bagú. Enquanto pensadores liminares em suas respectivas proposições, ambos produziram reflexões a partir das fronteiras do sistema capitalista, no intento de apreender as origens e os (des)caminhos da experiência socioeconômica que os cercava, fruto da abertura atlântica e por consequência da modernidade (MIGNOLO, 2003).

Nesse sentido, parece que as ciências sociais têm um pouco mais de abertura que a história para abordar as temáticas e autores que tocam a questão daquilo que Aníbal Quijano denominou *colonialidade do poder*² (QUIJANO, 1992). Não obstante, é preciso também levar em conta a necessidade de se historicizar as ciências sociais, à guisa de entender o itinerário percorrido por elas e a forma como foram incorporadas ao debate latino-americano.

Soma-se às questões aqui levantadas ainda duas mais. Uma delas diz respeito à prática de “deflorestamento” no que tange à produção de conhecimento em ciências humanas. Em outras palavras, o gosto (consciente ou inconsciente) pela ideia de que uma geração de intelectuais precisa desvalidar aquilo que foi produzido pela anterior e desbravar a seara do início. Ou seja, a validação em seu tempo de uma geração passaria em alguma medida pela desvalidação da anterior ou anteriores.

Tal movimento dá-se no âmbito político mas também no espaço epistemológico, este por excelência um *locus* de disputas pela primazia em poder atribuir significados aos objetos do conhecimento. Como pertinentemente afirmou Ângela de Castro Gomes: “periodizar, nomeando um ‘tempo’, é um ato de poder, como os historiadores sabem por dever de ofício” (GOMES, 2009).

A segunda questão diz respeito ao eurocentrismo e à colonialidade do saber (QUIJANO, 2005). Uma vez que na construção da modernidade o eurocentrismo promoveu uma hierarquização geopolítica da alteridade, igualmente os saberes produzidos desde os limites fronteiriços do sistema capitalista, ou seja, a partir da América Latina, também

² Sobre o conceito de colonialidade do poder, ver Aníbal Quijano (1992).

sofreram (e sofrem) essa atração gravitacional que concede poder de fala aos grandes referenciais teóricos do Atlântico norte em detrimento daqueles produzidos no espaço daquilo que seria um “sul” epistemológico.

Sendo assim, os clássicos europeus são absorvidos e reproduzidos nos espaços intelectuais latino-americanos, com trânsito livre, ainda que com uma ou outra atualização. Enquanto que os referenciais da região, apresentados sob a alcunha de pensamento latino-americano – pois não teriam a densidade reflexiva para constituir-se teoria – são apresentados, quando são, como trabalhos datados ou artefatos empoeirados do depósito de um museu epistemológico eurocentrado que expõe aos seus visitantes os melhores exemplares de além-mar como produtos “da terra”.

Mariátegui e Bagú, respectivamente “sociólogo”/ensaísta e historiador, ambos pensaram a experiência colonial e lançaram aportes sobre os quais inevitavelmente apoiaram-se trabalhos posteriores. Obviamente as sociedades pensadas por ambos, bem como a América Latina em geral, seguiram num movimento de constante mudança. No entanto, os adendos que foram e vêm sendo feitos aos seus trabalhos revelam sua envergadura e significativo grau de validade como ferramentas de análise, uma vez que apoiadas nas contribuições recentes.

A metáfora do condor e do jaguar

Andino por excelência, o condor impõe-se no imaginário de toda a América como um dos grandes símbolos do continente. Seu voo varre tempo e espaço, de norte ao sul da cordilheira, do passado incaico à Conquista, da espoliação dos recursos aos processos de independência. Ave de rapina, é precisa no mergulho rasante. Assim foi Mariátegui. À semelhança da ave, seu nome não passa despercebido, mesmo entre os círculos cultuadores dos clássicos europeus, mesmo entre aqueles que vagam anacrônicos pelo labirinto epistemológico, tentando entender a realidade latino-americana, no esforço de encontrar a saída, mas com um mapa à mão que só pode levar à Versalhes.

Pioneiro do marxismo na América Latina, Mariátegui partiu da realidade peruana e chegou às categorias continentais. A originalidade do seu empreendimento não reside em ter sido o mais expressivo teórico marxista da região, mas no fato de ter pautado a necessidade da adequação do marxismo ortodoxo ao contexto continental latino-americano, sobretudo à

latente realidade indígena de muitas sociedades da hispanoamérica (SILVA, 2014:143 apud. RANINCHESKI & PINTO, 2009:97).

*La larga espera*³ desde as sementeiras oitocentistas pelo esforço (intencional ou não) de um pensamento para e a partir da América Latina⁴, encontraria finalmente em Mariátegui, a autonomia teórico-metodológica do conhecimento produzido na região. Estavam lançadas as bases para ver-se empreender, em momento posterior (meados do século XX), a institucionalização da teoria social na América Latina. Não obstante, esta seria tarefa para outros. Era a vez do jaguar.

Aiapac, o principal deus da cultura mochica⁵, foi largamente representado na iconografia produzida por essa sociedade, com um rosto de felino. A imagem do jaguar logo desponta como referência à força da deidade. Para os termos da analogia aqui proposta, o historiador e sociólogo argentino Sérgio Bagú, é apresentado sob a alcunha de intelectual que destacou-se através das grandes sínteses explicativas da formação econômico-social da América Latina, e por isso mesmo, contribuiu para a institucionalização das Ciências Sociais na região, com análises profundas.

O condor passeia sobre uma grande área, planando como senhor soberano do ar rarefeito. Se sua presença no céu dos Andes não for exclusiva com certeza é a de maior destaque. Em terra firme, o jaguar espreita e dificilmente é desafiado, não obstante, convive certamente com uma fauna maior, ainda que destaque-se num bioma bem mais diverso.

Quando Mariátegui publicou os *Siete Ensayos de Interpretación de la Realidad Peruana* (1928), falar em ciência social na América Latina era o mesmo que estabelecer uma relação de igualdade entre o que se produzia na Europa Ocidental e o que se aplicava como ferramenta de análise e reflexão do tecido social na margem americana do Atlântico. Isso não quer dizer que a autonomia teórico-metodológica advinda com o autor nasceu da completa aridez. Entretanto, os trabalhos (em sua maioria ensaios) até aquele momento não

³ Alusão à expressão utilizada pelo historiador argentino Tulio Halperin Donghi para designar a conjuntura pós-independência da América espanhola (1825-1850), a qual não trouxe num primeiro momento, segundo o autor, a alteração das relações de mercado com os centros metropolitanos, esperada com a emancipação, e que só começaria a ocorrer a partir de meados do século XIX. Ver Halperin Donghi (1969).

⁴ Por exemplo: *Direito das mulheres e injustiça dos homens* (1832), de Nísia Floresta (1810-1885); *Peregrinaciones de una paria* (1836), de Flora Tristán (1803-1844); *Nuestra América* (1891), de José Martí (1853-1895) ou até mesmo trabalhos já do século XX, mas ainda assim anteriores aos *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana* (1928), de Mariátegui (1894-1930), como *El Hombre Mediocre* (1913), de José Ingenieros (1877-1925).

⁵ Sociedade pré-incaica que habitou o litoral norte do Peru entre 100 e 700 d.C.

conformavam um dossiê de publicações balizadas pela pesquisa acadêmica sistematizada, observação que inclusive aplica-se ao caso de Mariátegui.

Em Mariátegui vemos uma crítica do marxismo social com contribuições originais a partir da América Latina. O divisor de águas foi a conjunção do indigenismo peruano com o marxismo europeu. Assim, a experiência latino-americana apresenta-se em seu trabalho também como experiência indoamericana. Desse modo, as comunidades indígenas são trazidas ao centro dos processos histórico-sociais como protagonistas de um comunitarismo indígena (SILVA, 2014) anterior à Conquista, mas que persiste a ela conformando a “selfie” da sociedade peruana. O marxismo como ferramenta epistemológica de análise da realidade aportava na América Latina, e em seu céu voava imponente e solitário o condor.

O cenário intelectual no qual Sérgio Bagú publicou *Economia de la sociedad colonial: ensayo de historia comparada de América Latina* (1949), é bem diferente do de Mariátegui. Ambos são frutos da mesma árvore, o marxismo, ambos tem a assinatura das grandes sínteses continentais, uma característica que desagrade a muitos historiadores defensores da especificidade da formação de cada Estado-nação, mas que não deixam de reconhecer a envergadura das análises que conseguem apreender problemáticas transnacionais e experiências comuns advindas da ordem colonial.

Mas nem tudo são similitudes, há também as diferenças. Enquanto o enfoque de Mariátegui é o de um marxismo mais culturalista, o de Bagú percorre nos trilhos do materialismo histórico, sem contudo, repetir as abordagens feitas até então nesse sentido. Ele contesta as interpretações feitas no que concerne à natureza da economia e sociedade originadas do período colonial.

Bagú supera a simples transposição em bloco, por exemplo, da estrutura feudalista europeia para a realidade latino-americana, como recurso explicativo da formação dos territórios luso-hispânicos no Novo Mundo. Dissertando ponto a ponto, ele esmuiça as características do feudalismo e apresenta em contraponto os passos dados pela América enquanto “evento-fundador” e partícipe do sistema-mundo moderno (WALLERSTEIN, 1991).

Nas suas palavras, tratava-se não do sistema feudal mas de uma economia capitalista colonial. Para explicar o continente americano já não cabia mais simplesmente transpor os elementos europeus, já que eles por si só não eram suficientes para dar conta do entendimento

de uma realidade completamente nova e que demandava por sua vez lentes e ferramentas de análises igualmente próprias.

Mariátegui já havia sinalizado nesse sentido e adentrado a seara. Entretanto, foi preciso esperar duas décadas para que emergisse uma geração que abraçasse essa proposta. Definitivamente esta geração era a de Bagú. Em 1949 o autor publica sua obra que analisa a índole da economia e sociedade colonial, demarcando assim, o momento das transculturações conceituais e metodológicas, bem como a institucionalização da teoria social na América Latina. Eram a vez e a hora do Jaguar.

O primeiro espaço de intersecção dos trabalhos de Mariátegui e Bagú é a abordagem da esfera econômico-social. O primeiro parte da realidade peruana mas logra chegar às questões andinas que dizem respeito ao forte caráter indígena de muitos países da região. O fio condutor de seu discurso é a amálgama de uma economia e sociedade nascidas da interação entre o fator europeu e o fator indígena, subvertendo o discurso tradicional onde este último elemento figura nos processos históricos de forma passiva. Mariátegui confere agência ao indígena, e especificamente no caso peruano, evidencia a transversalidade do já referido comunitarismo indígena na estrutura econômica do país, sobretudo nas regiões montanhosas.

Ainda nesse sentido, Bagú trabalha mais um mosaico, percorrendo um itinerário da estruturação do modelo econômico-social advindo da Conquista, bem como aquele engendrado no pós-independência. O autor não traz uma única realidade em específico, como seu antecessor, mas um conjunto de características constatadas comuns na experiência latino-americana. Ao falar, por exemplo, da consolidação do latifúndio, ele cita vários países (México, Peru, Cuba, Equador, Chile, Argentina, Uruguai, Brasil etc) para tecer mais um panorama geral que um estudo de caso (BAGÚ, 1949).

Em perspectiva continental, Bagú problematiza *en passant* realidades nacionais que, guardadas as devidas proporções, conformam um bloco de países com experiências comuns e apresenta-o também, em perspectiva comparada à trajetória da América inglesa. Segundo Bagú, a colonização britânica do século XVII encarnou com mais força que a luso-hispânica do século XVI, o latifúndio atrelado a um conceito feudal de propriedade. Tão flagrante é essa característica que às vésperas da independência das Treze Colônias, a Pennsylvania ainda atrelava-se à família de William Penn, seu fundador, como propriedade privada, nas palavras do autor (BAGÚ, 1949).

Esse ponto levantado por Bagú é interessante pois permite repensar, por exemplo, o lugar comum dos conceitos de colônias de exploração e povoamento, associados respectivamente à América luso-hispânica e à América inglesa. Ao evidenciar as reminiscências e vernizes feudais (não o sistema feudal como um todo) na administração colonial inglesa e apresentá-las em alguns períodos como mais latentes que na administração colonial ibérica, cai por terra o mito da inexistência da concentração fundiária na parcela de terra não sulista do que viriam a ser os EUA. As categorias rígidas para pensar ambas experiências coloniais (inglesa e ibérica) dão lugar, em Bagú, à ideia de experiências paralelas e coexistentes.

A questão do feudalismo aparece nos dois autores de forma antagônica. Mariátegui sustenta a ideia de um feudalismo inicial na formação da economia peruana, ainda que para ele esse feudalismo tenha convertido-se pouco a pouco, em economia burguesa.

El Virreinato señala el comienzo del difícil y complejo proceso de formación de una nueva economía. En este período, España se esforzó por dar una organización política y económica a su inmensa colonia. Los españoles empezaron a cultivar el suelo y a explotar las minas de oro y plata. Sobre las ruinas y los residuos de una economía socialista, echaron las bases de una economía feudal (MARIÁTEGUI, 2007:8).

Não obstante, de acordo com o peruano, esta “feudalidade” teria persistido em conjunção com o comunitarismo indígena e uma economia burguesa urbano-industrial de mentalidade retardada.

Bagú, em sentido diametralmente oposto, vai contra a ideia do feudalismo, mesmo como elemento fundador e transitório, e apresenta seus argumentos.

Cuando los historiadores y economistas dicen que el feudalismo, agonizante en Europa, revivió en América, se refieren a hechos ciertos [...]. Pero todos esos hechos no son suficientes para configurar un sistema económico feudal. Por lo demás, el capitalismo colonial presenta reiteradamente en los distintos continentes ciertas manifestaciones externas que lo asemejan al feudalismo. Es un régimen que conserva un perfil equívoco, sin alterar por eso su incuestionable índole capitalista. Lejos de revivir el ciclo feudal, América ingresó con sorprendente celeridad dentro del ciclo del capitalismo comercial, ya inaugurado en Europa. Más aún: América contribuyó a dar a ese ciclo un vigor colosal, haciendo posible la iniciación del período del capitalismo industrial, siglos más tarde (BAGÚ, 1992:25-26).

Entretanto, ele dá uma atenção especial ao que chamou de mentalidade do “senhor americano”, a qual em muitos aspectos assemelha-se à mentalidade do suserano europeu do feudalismo. Ele chama a atenção para sua psicologia, seus hábitos, sua autonomia e seu afã beligerante.

Por último, a questão mais importante compartilhada por ambos: a economia latino-americana insere-se no circuito da nova ordem mundial de forma marginal e subalterna. Para

Mariátegui, ainda que a economia burguesa finalmente tenha amalgamado-se e firmado-se no Peru do século XIX, no plano mundial ela segue colonial e subserviente aos centros metropolitanos e deles dependentes. Bagú sistematiza, grosso modo, a mesma coisa, mas em outros termos. Para ele, a natureza da economia da região é a de um capitalismo colonial.

Nesses autores, a modernidade aparece – ainda que não dita de maneira explícita – materializada na estrutura econômica conformada a partir da Conquista. Assim, essa transformação é enunciada por ambos a partir de uma reflexão centrada em problemáticas locais e regionais, interconectadas com as dinâmicas geopolíticas e/ou culturais abertas com o encontro entre a Europa e a porção continental posteriormente denominada Novo Mundo. Um elemento novo que aparece em Mariátegui e depois em Bagú, é o fato de terem pensado tais dinâmicas socio-econômicas com mínima autonomia epistemológica em relação ao sistema de pensamento e referencial teórico europeu e eurocentrado.

Obviamente essa autonomia teórico-metodológica não aparece integralmente desvinculada da tradição epistemológica europeia, mas logra comunicar seu discurso com um grau de independência que permite encará-los como fomentadores de espaços latino-americanos de reflexões. Tais reflexões seriam levadas a cabo com ferramentas de análise amalgamadas pela própria intelectualidade da região e que lançariam um contra-ponto ao discurso monocromático importado e reproduzido da Europa, no que tange aos processos latino-americanos.

Em Mariátegui e Bagú, a abertura atlântica figura como o *start* do processo de mundialização do capitalismo e a América Latina aparece como catalizadora desse processo. Ainda que a alegoria do feudalismo tenha sido pautada no horizonte de experiências tanto dos contemporâneos à implantação da ordem colonial quanto dos que posteriormente a analisaram, não restam dúvidas de que o horizonte de expectativas (KOSELLECK, 2011) da ordem nascida dessa Conquista anunciava a construção da modernidade a partir do exercício da subalternidade. Certamente o pensamento liminar (MIGNOLO, 2003) do condor e do jaguar auxiliaram esse entendimento.

Bibliografia

BAGÚ, SERGIO. *Economia de la sociedade colonial: Ensayo de historia comparada de América Latina*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992 [1949].

DONGHI, Tulio Halperin. *Historia Contemporánea de América Latina*. Madrid: Alianza Editorial, 2012.

GOMES, Ângela de Castro e ABREU, Martha. Apresentação. *Tempo* [online]. 2009, vol.13, n.26, pp.1-14.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2011.

MARIÁTEGUI. *Siete Ensayos de Interpretación de la Realidad Peruana*. Caracas: Fundación Biblioteca Ayacucho, 2007 [1928].

MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais / Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

QUIJANO, Aníbal. “Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina”. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais*. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. 2005.

_____. *Colonialidad y Modernidad/Racionalidad*. In: Bonilla, Heraclio (ed.) 1992. *Los Conquistados. 1492 y la Población Indígena de las Américas*. Santafé de Bogotá: Tercer Mundo Editores, 1992.

SILVA, Cristhian Teófilo da. *Mariátegui entre dois mundos: Visões do comunitarismo indígena andino*. Revista de estudos e pesquisas sobre as Américas, Vol. 8, n.2, 2014.

WALLERSTEIN, Immanuel. *Impensar a Ciência Social: os limites dos paradigmas do século XIX*. São Paulo: Ideias & Letras, 2006.